



## **Dewey, Ford e Monteiro Lobato: Os princípios da eficiência e da continuidade no olhar da filosofia e da literatura**

José Claudio Matos (UDESC)

### **RESUMO**

O artigo discute a representação da pessoa e da obra de Henry Ford, no romance *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato. Pela interpretação do texto literário, formula o ideário fordista com o princípio da *eficiência*. Propõe criticamente o princípio da *continuidade*, originário da filosofia de John Dewey, como alternativa ao fordismo, para fundamentar a reflexão sobre a educação e a vida social. Emprega a literatura como instrumento de reflexão e atribuição de significado, conforme a teoria deweyana da continuidade entre a experiência estética e intelectual. As conclusões têm relevância para as questões sociais e educacionais da contemporaneidade, além de abrir um campo de estudos sobre a função da literatura em uma forma de educação que promova o crescimento da vida compartilhada. Formula, a partir de Dewey, uma crítica ao fordismo e às formas mecanicistas de organização da vida social, incluindo a educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dewey. Monteiro Lobato. Ford. *O Presidente Negro*. Continuidade. Educação.

### **Introdução**

Este trabalho tem o objetivo de configurar e explorar as consequências de um experimento mental, que faz uso do texto literário a fim de discutir conceitos filosóficos e pedagógicos. O argumento parte das representações da pessoa e da obra de Henry Ford, presentes no romance *O presidente Negro* (inicialmente publicado em 1927), de Monteiro Lobato. É através da leitura e da interpretação desta narrativa que se espera formular a concepção de *eficiência*, entendida como meta ou princípio ordenador da vida social. A *eficiência* aparece como princípio e lema no enredo de *O Presidente Negro*, relacionada à figura e ao legado de Ford. A reflexão aqui conduzida procura contrastar a noção de *eficiência* com a noção de *continuidade*, proveniente do pensamento de John Dewey acerca da organização da vida social. O assunto principal de tal discussão é a forma de organização da sociedade,



especialmente a formação de seus novos membros através da educação. A partir destas ideias, uma crítica aos fundamentos do fordismo e suas consequências sobre a educação - e a sociedade em geral - pode ser oferecida à apreciação do leitor.

Um dos principais procedimentos do argumento aqui construído é delinear a fisionomia do que tem sido denominado "fordismo": Uma concepção acerca da vida social e das perspectivas de formação humana que tem em Henry Ford o seu principal representante. Pela interpretação do romance de Monteiro Lobato, se pode argumentar que a concepção fordista da vida social e da educação se manifesta pela adoção do princípio da eficiência, como linha geral do controle social e da estratégia educativa.

A fim de formular de maneira significativa a noção de eficiência, e situá-la em um contexto que permita a disposição de elementos para seu exame crítico o estudo tem, como ponto de partida, a representação literária da figura de Henry Ford. As obras literárias são consideradas representantes do esforço criativo de empregar as ideias, acontecimentos e forças sociais de seu tempo para compor discursos pelos quais, tanto a apreciação estética como a reflexão crítica são postas em movimento.

O discurso segue o formato ensaístico, formulando problemas e suas possíveis soluções, com o uso de estratégias argumentativas e retóricas apoiadas nas narrativas ficcionais. A obra literária aqui examinada é considerada não apenas como objeto de uma experiência estética, mas também como forma possível de considerar os muitos aspectos do assunto, sem com isso pretender dar a ele tratamento exaustivo, e sequer chegar a conclusões definitivas. Assim, a reflexão deixa espaço para o intérprete formular suas próprias conclusões em um percurso



onde a vida social, a Modernidade industrial, o ideal de eficiência e a educação estão sendo examinados, tendo como eixo unificador a figura - real ou ficcional - de Ford.

Para chegar a uma formulação viável do ideário fordista, é preciso eleger os mais destacados valores deste pensamento, e desenvolver as feições de um modelo a partir deles. Segundo a proposta aqui apresentada, de partir da fisionomia encontrada nas obras literárias, pode-se concluir que estes valores se condensam em torno do significado da noção de *eficiência*, conforme empregada por Monteiro Lobato em seu romance. Uma sociedade eficiente na execução de suas tarefas e estável na condução de suas funções representaria o ideal fordista, na obra de Monteiro Lobato. Acrescente-se que, embora derivado de uma interpretação alegórica, este ideário não é considerado totalmente fantasioso, fictício e muito menos inverossímil.

### **Considerações metodológicas: Interpretando literatura e filosofia numa experiência integrada**

O recurso a obras de caráter ficcional é parte de uma posição intelectual muito específica em torno do tema da interpretação. Em outros estudos já foi possível propor uma teoria da leitura e interpretação que trata dos textos escritos como instrumentos do pensamento e da reflexão. No artigo "A interpretação de textos na formação da pessoa reflexiva: sobre a concepção deweyana da leitura" (MATOS, 2013), o tema do significado e da interpretação foram examinados, no marco da obra de Dewey, a fim de fornecer os fundamentos para uma abordagem crítica e reflexiva das obras literárias. Esta abordagem, adotada integralmente no presente estudo, se fundamenta em ideias como a seguinte:

Muitas ideias são de grande valor como elementos da poesia, da ficção ou do drama, mas não como matéria do



conhecimento. Todavia, desde que se conservam na mente para serem utilizadas à luz de novos fatos, as ideias poderão constituir um instrumento intelectual para um espírito penetrante, mesmo que não se relacionem imediatamente com a realidade (DEWEY, 1979, p. 111).

Para Dewey, faz sentido considerar uma narrativa ficcional como um instrumento válido e relevante para o pensamento. Deve-se reconhecer que a literatura reúne no movimento encadeado da linguagem, o aspecto intelectual e o aspecto estético da experiência do intérprete. Na experiência estética, o intérprete se movimenta em direção ao que Dewey chama de *consumação*, ou realização de um trajeto da sensibilidade.

Em sua obra máxima sobre arte e estética, Dewey dedica diversos espaços para teorizar sobre a literatura, e as possibilidades abertas pela sua apreciação. Sabe-se que estas ideias partem do princípio da continuidade, que neste estudo está sendo chamado ao exame e que, para Dewey, envolve a principal tarefa da teoria estética. Diria ele que "impõe-se uma tarefa primordial a quem toma a iniciativa de escrever sobre a filosofia das belas artes" (Dewey, 2010b, p. 60). Trata-se da tarefa capital da sua obra *Arte como Experiência* (inicialmente publicada em 1925). Contudo, pode-se concluir que esta tarefa se reflete sobre um campo mais amplo de investigação e estudos. A consideração da arte como documento, sua interpretação em diálogo com outras experiências formuladas e comunicadas, e a própria perspectiva de uma educação estética são iniciativas em que a importância desta tarefa aparece inevitavelmente. Dewey acrescenta:

Esta tarefa é restabelecer a continuidade entre, de um lado, as formas refinadas e intensificadas da experiência que são as obras de arte e, de outro, os eventos, atos e sofrimentos do cotidiano universalmente



reconhecidos como constitutivos da experiência (DEWEY, 2010b, p. 60).

O que Dewey está propondo é a aproximação ou continuidade entre a arte e as demais atividades, consideradas como “processos normais do viver” (DEWEY, 2010b, p. 70). A continuidade permite que a arte participe do esforço de compreensão da realidade, que se combine com a pesquisa e a reflexão, e que tome lugar nos processos educativos.

Esta experiência envolve a mobilização das funções mentais de uma forma que difere da experiência comum dos objetos: por isso a leitura de um romance é essencialmente diversa da leitura de um texto teórico. Na experiência intelectual, o intérprete considera as alternativas soluções para um problema, em um comportamento que é conhecido como “reflexão”. Reflexão, para Dewey, é um termo carregado de sentido técnico. A reflexão é o esforço da inteligência para aproveitar as sugestões indicadas pelo objeto ou situação examinada, e construir significado (MATOS, 2013, p. 588). Ao ler de forma reflexiva, portanto, o romance de Monteiro Lobato, se espera seguir as sugestões presentes no próprio texto, em direção à construção de um significado viável para a interpretação, tudo com vistas à compreensão do significado da figura de Ford na discussão sobre a transmissão da vida social.

Para completar esta discussão introdutória, duas considerações adicionais poderiam ser oferecidas para melhor fundamentar este recurso à literatura, feito aqui em favor da reflexão teórica: A primeira consiste em apontar para o pensamento de Roland Barthes, este grande teórico da linguagem que, em sua famosa aula inaugural no Colégio de França, declarou de maneira veemente a importância da literatura para



o saber, em contraste com as formas mais disciplinadas do dizer acadêmico e científico. Segundo ele:

Porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico mas dramático (BARTHES, 2000, p. 19).

Esta engrenagem da reflexividade tem uma relação com o discurso que não é apenas de uso, mas de encenação. A literatura, para Barthes, provoca a experiência de vivenciar, ensaiar e por isso experimentar possibilidades de reflexão, sem se limitar à obtenção de um só resultado. É isso exatamente o que está sendo buscado, ao se tentar formular uma caracterização intelectual do fordismo, a partir da interpretação da novela de Monteiro Lobato.

A segunda consideração consiste em apontar para o pensamento do conhecido filósofo e estudioso da literatura Umberto Eco. Segundo ele, a ficção é diferente da mera mentira ou falsidade, justamente porque a ficção é composta com uma série de elementos da realidade. Segundo ele:

temos de admitir que, para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real. Em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo (ECO, 1994, p. 89).

A interpretação da ficção, segundo o autor, reflete sobre a forma como estes elementos estão organizados e dispostos de maneira plausível.

Para Umberto Eco, o intérprete realiza o que ele chama "acordo ficcional" com o autor de ficção, e este acordo ficcional é a origem de toda fertilidade e interesse do texto



literário para os objetivos da reflexão. Para os propósitos da presente investigação, está sendo levando em conta este elemento de plausibilidade que as obras literárias engendram a partir de elementos como conceitos, objetos e eventos do mundo real. Por isso se pode sustentar que, dentro de certos limites, a obra de Monteiro Lobato seja fonte legítima de consulta, a fim de montar o cenário para a parte mais filosófica da discussão.

Finalmente, é adequado mencionar que o estudo presente é o mais recente em uma linhagem de investigações que vem investindo na relação de diálogo entre literatura e filosofia. Produções anteriores como os artigos "John Dewey e Aldous Huxley: o admirável e o impensável na formação social da mentalidade" (MATOS, 2011) e "John Dewey e Monteiro Lobato: ambiente social e condições de crescimento no romance *O Presidente Negro*" (MATOS e SILVA, 2013), já manifestam os resultados dessa concepção da literatura como "instrumento de pensamento", a partir das ideias de John Dewey.

Na verdade, a própria escolha do autor e das obras não foi causal. Para discutir o sentido da ideia de crescimento, segundo Dewey, é importante compreender a relevância desta ideia no horizonte de questões que se apresentam na atualidade. Lembremos que a principal obra filosófica sobre educação de Dewey, o tratado *Democracia e Educação*, em que a teoria do crescimento é desenvolvida, foi publicada em 1916, portanto, há quase cem anos. Uma forma interessante de representar a originalidade e as implicações desta teoria é raciocinar por contraste, formulando com os melhores recursos disponíveis alguma situação oposta ou diversa, como aqui é o caso da ideia de eficiência. A partir da comparação entre os cenários opostos, revelados pela interpretação literária e



filosófica, é possível extrair conclusões e avançar no conhecimento e na apropriação destes temas.

Para esta operação, foi feita a escolha por uma obra literária relativamente contemporânea ao tempo em que Dewey produziu seus livros, ou seja, a primeira metade do século XX. Além disso, foi dada preferência a um trabalho ficcional que incorporasse em seu discurso a situação social e o conhecimento científico, para compor um cenário que recentemente tem sido designado como "distopia". Em um artigo recente, "Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade" (HILÁRIO, 2017), se encontra uma caracterização das distopias que, além de servir aos objetivos da presente investigação, inclui de maneira bastante adequada a novela de Monteiro Lobato, como legítima representante deste gênero. Segundo Hilário:

As distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica (HILÁRIO, 2017, p. 206).

Este tipo de narrativa interessa sobremaneira ao intérprete, quando o objetivo é discutir conceitos teóricos e sua relevância para a reflexão sobre os problemas reais de sua época.

No caso específico da narrativa na forma do romance, Dewey acrescenta a importante constatação de que:

O romance foi o grande instrumento de efetuação da mudança da prosa literária. Deslocou o centro de atenção da corte para a burguesia, depois para os 'pobres' e, mais adiante, para a pessoa comum, independentemente de sua posição (DEWEY, 2010b, p. 342).



Por isso é que, no auge da Modernidade Industrial, a forma literária do romance se diversifica em vista da prática de uma forma de discurso que reconhece em si a 'tarefa' de uma estética da continuidade. Seguindo o rumo indicado por estas considerações, passa-se agora à apresentação dos movimentos que resultam na configuração das ideias fordistas alusivas ao ideal de eficiência e, finalmente, sua confrontação crítica com a noção de continuidade, segundo Dewey.

#### **Ford segundo Monteiro Lobato**

O pensamento de Henry Ford, apresentado em seus livros sobre a organização industrial e sua relação com diversos setores da vida humana, foi publicado no Brasil sob o título: *Os princípios da prosperidade* (FORD, 1954). Ali estavam reunidos em um único volume os trabalhos: *Minha vida e minha obra* (*My Life and Works*), *Hoje e Amanhã* (*Today and Tomorrow*) e *Minha filosofia da indústria* (*My Philosophy of Industry*), todos de autoria de Ford.

Monteiro Lobato, na ocasião, escreveu o prefácio a esta coletânea de obras de Ford em um tom extremamente elogioso. Este é um sinal de como era recebido entre os leitores, com especial destaque a certa classe de homens de letras no Brasil, o tipo de pensamento de que Ford é o mais emblemático representante. Uma exaltação das soluções práticas, uma defesa das técnicas de organização inspiradas na indústria aparece, por exemplo, na seguinte passagem de Monteiro Lobato:

Ford não imagina soluções, deduz-las. Admite o homem como é, aceita o mundo como está, experimenta e deixa que os fatos tragam à tona a solução rigorosamente lógica, natural e humana. É o idealista orgânico. Suas ideias não vêm a priori, falhas da exaltação mental ou



sentimental. Apenas refletem respostas às consultas feitas aos fatos (LOBATO, in FORD, 1954, p. 9).

Veja-se como o escritor parece reconhecer em Ford o emprego de um procedimento muitas vezes identificado com o próprio método científico, quando aplicado aos assuntos humanos. Neste procedimento reconhece-se, observando a passagem acima, a consideração imparcial das questões de fato, a vinculação das soluções com o teste experimental e, como o termo "dedução" revela, uma esperança de rigor lógico e formal na busca pelas respostas aos problemas propostos. Este é, para muitos, o modelo geral do espírito científico que, ao longo do século XX, se disseminou largamente pelos países ocidentais, principalmente com o advento da educação pública.

Na estrutura de *O Presidente Negro*, Monteiro Lobato incorpora uma consideração acerca do modo científico de raciocinar. Ele narra o desenvolvimento intelectual de Ayrton Lobo, e a forma como este vai despindo-se de conceitos incorporados sem reflexão, e formando ideias resultantes de seu próprio esforço intelectual. Neste processo, Miss Jane desempenha um importante papel, e é assim que Monteiro Lobato caracteriza sua atitude: "- Minha filha, senhor Ayrton, possui mais frieza de sábio do que eu. Não perde tempo em formular hipóteses quando tem ao alcance meios de verificar experimentalmente" (LOBATO, 2009, p. 43). O que a expressão "frieza de sábio" significa? O sábio manifesta frieza, porque é esta a atitude de quem se guia por evidências e razões, ao invés de fixar a crença, movido pelo apelo de algum desejo ou emoção. A passagem denota uma posição favorável ao emprego do método experimental no lugar do método meramente especulativo de raciocínio. Ou seja, a um raciocínio atento ao fluxo da experiência e não a princípios e conceitos abstratos.



Mas, possivelmente, o aspecto mais interessante do prefácio que Monteiro Lobato escreve ao livro de Ford seja o caráter de perspectiva, de previsão ou até de profecia que, no entender do escritor, é marca do pensamento deste industrial americano. "Homem de boa fé não há nenhum que lendo *My life and work*, o grande livro de Henry Ford, não sinta que ali está a palavra messiânica do futuro" (LOBATO, 1954, p. 11). Com as modificações na estrutura da sociedade, sentidas no início do século XX, e com a consciência da noção de progresso e de desenvolvimento, fortalecida pelas modificações na organização das forças produtivas, observa-se nesta passagem um olhar voltado para a sociedade do futuro. Um olhar previdente, quase profético, na direção que as novidades do momento - entre elas o enorme sucesso desta cultura fordista - apontavam ao escritor. Foi no impulso desta atitude de vistas ao futuro que Monteiro Lobato escreveu, em 1927, *O presidente negro*.

Este romance narra a história de um homem comum, chamado Ayrton Lobo. Ao longo do enredo, eventos de um futuro remoto são revelados a Ayrton Lobo através das informações derivadas de um aparelho chamado *porviroscópio*. O aparelho teria sido desenvolvido pelo visionário cientista Professor Benson, pai da jovem Miss Jane, que no livro ocupa o papel de preceptora de Ayrton Lobo. De certa forma, se trata de uma obra de ficção científica, embora esta caracterização deva ser especificada. *O Presidente Negro* é um romance no qual o pensamento científico do início do século XX é inserido de forma hábil e enfática na história. Neste sentido a obra participa - por meio do exercício da interpretação de seu conteúdo ficcional - da reflexão acerca das consequências do progresso científico e tecnológico nas sociedades modernas. Algumas previsões aparecem na obra, assim como na seguinte passagem:



O que se dará é o seguinte: o radiotransporte tornará inútil o corre-corre atual. Em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço, fará ele o seu serviço em casa e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á a distância. E acho muito lógica esta situação (LOBATO, 2009, p. 65).

Veja-se que a noção de que o trabalho, assim como outras partes da vida social, será afetado pela tecnologia, era uma noção presente no enredo. Encontramos também referências às descobertas da física teórica, da biologia evolutiva, da psicologia comportamental, e ainda, deste vasto campo de problemas que se poderia denominar de *cosmologia*.

Fora a contextualização da ação em algum período dos anos 1920, temos ainda uma metanarrativa situada em 2228, nos Estados Unidos da América. Esta segunda história dentro do romance é acessível por meio das informações sobre o futuro, obtidas pelo porviroscópio. Monteiro Lobato narra um pleito presidencial e as ocorrências relacionadas com a sociedade americana futura, com o choque de raças e com a eleição do presidente negro. Temos neste romance, portanto, uma representação da questão racial, com ênfase especial no fenômeno da eugenia. Este assunto vem sendo explorado por comentadores do livro de Monteiro Lobato, resultando algumas vezes em críticas e designações de racismo e de eugenismo contra seu autor.

Apesar desta polêmica, o que importa neste momento da discussão é de que maneira, na qualidade de obra de ficção, *O presidente negro*, como qualquer peça de genuína literatura, movimenta os conceitos, crenças e valores incorporados em sua narrativa, sem com isso defender ou propor uma conclusão definida. As conclusões que uma interpretação assim permite tirar, possivelmente não pertençam ao conjunto de crenças mantidas pelo escritor. Mais razoavelmente, as conclusões são



extraídas pelo intérprete, em seu percurso de reflexão sobre os elementos postos em jogo no campo de possibilidades da obra de ficção.

Assim sendo, e seguindo por esta via, pode-se considerar as relevantes menções que Monteiro Lobato faz a Ford no seu romance. No capítulo um do livro aparece a primeira referência a Ford: não a Henry, mas ao automóvel da montadora Ford. Abre-se a partir daqui a questão de se há uma crítica às concepções fordistas na obra, ou se há mesmo um elogio, como parece à primeira vista. Ao prefaciар os livros de Ford, Monteiro Lobato não esconde seu tom elogioso, mas ainda resta a possibilidade de que tenha situado o pensamento de Ford em uma condição mais questionadora no *Presidente Negro*. Mesmo não sendo a questão central deste trabalho, pode-se esperar dar a ela uma resposta, na sequência dos argumentos que se espera reunir aqui.

Ayrton Lobo supunha que os indivíduos estivessem divididos em duas castas na sociedade: os pedestres e os rodantes. Para elevar-se da casta dos pedestres à casta superior dos rodantes, ele desejava ardentemente adquirir uma automóvel Ford.

Sonhei, portanto, mudar de casta e por minha vez levar os pedestres a abrirem-me alas, sob pena de esmagamento. E o novo pecúlio, com tanto esforço acumulado depois do desastre germânico, não visava outra coisa. Foi, pois, com o maior enlevo d'alma que entrei certa manhã numa agência e comprei a máquina que me mudaria a situação social. Um Ford (LOBATO, 2009, p. 27).

O produto mais avançado da indústria: o automóvel Ford, o bem de consumo amplamente desejado pelas pessoas comuns era, para o personagem, o marco distintivo entre as posições inferiores e superiores na hierarquia social. Monteiro Lobato chega a explorar o uso da palavra "Ford" como verbo: "E tudo



correria pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis, se eu não me excedesse na fúria de fordizar a todo o transe com o fito de embasbacar pedestres” (LOBATO, 2009, p. 27). Ayrton Lobo formou seus hábitos e crenças, valorizando as distinções sociais resultantes da sociedade de consumo que se desenvolvia, impulsionada pela maquinaria industrial. Ele desejava *fordizar* o meio social à sua volta, a fim de se destacar como membro de uma classe superior.

Esta ideia de separação ou segmentação, como se cada indivíduo ou cada pequeno grupo fosse uma peça da grande maquinaria social, aparece com mais destaque nos escritos do próprio Henry Ford. Afirma ele:

Não há maior ilusão do que pretender a igualdade entre os homens. A natureza os fez desiguais e toda a concepção democrática que tenta igualá-los resulta pois num esforço que retarda o progresso. Todos os homens não podem prestar serviços iguais, porque o número de aptos é muito menor do que o dos inaptos (FORD, 1954, p. 20).

Esta concepção evoca a imagem da máquina: cada peça é diferente das outras, e cada uma ocupa um lugar predestinado, fixo e estabelecido previamente no conjunto. Da mesma forma, Ford concebe os seres humanos de tal modo que, para ele - numa sociedade organizada mecanicamente - a tarefa de descobrir o lugar adequado de cada um na sociedade é dada aos dirigentes, que correspondem aos projetistas da máquina da sociedade.

Dewey se posiciona contrário ao modelo mecânico de organização social, já nos capítulos iniciais de *Democracia e Educação*. Segundo ele, a compartimentalização das funções da vida segundo o modo de funcionamento das máquinas, prejudica a comunicação e, portanto, a reconstrução da experiência compartilhada. Ele alerta para que: “As partes de uma máquina trabalham com a máxima cooperatividade para um resultado



comum, mas não formam uma comunidade” (DEWEY, 2008, p. 8). A constituição de uma vida em comunidade exige muito mais do que a repartição e divisão de tarefas.

Somos então compelidos a reconhecer que mesmo dentro do grupo mais socializado há muitas relações que não são, ainda, sociais. Um grande número de relações humanas em qualquer grupo social, ainda estão no plano mecânico” (DEWEY, 2008, p. 8).

É forte a influência dos modelos tecnológicos e mecânicos nas formas de pensar do século XX. Contudo, Dewey faz coro com a crítica dos excessos na interpretação e organização da vida social, por conta deste tecnicismo. Um dos fundamentos desta crítica é a ideia de que a vida é a continuidade de uma experiência acumulada e transmitida na forma de uma herança – a ideia de que a vida social é tanto melhor quanto mais educativa for.

A participação consciente e a manutenção dos interesses e valores em comum são os fundamentos da genuína vida social, para Dewey. Na direção contrária do princípio da comunicação e da continuidade defendido por Dewey, a participação de todos nas discussões e atividades de interesse comum é recusada e desencorajada pelo pensamento de Ford. “A concepção democrática que mira o abaixamento de nível de capacidade favorece o desperdício. Na natureza não há duas coisas exatamente iguais” (FORD, 1954, p. 20). Ou seja, segundo este modo de pensar, as diferenças de aptidão entre os membros do grupo social caracterizam distinções fixas, uma espécie de sistema de castas, como diria Ayrton Lobo, que não deveria ser combatido por ideais democráticos e cooperativos, mas sim sistematizado com vistas ao ajuste da mecânica social.

Um dos mecanismos deste ajuste, para Ford, é a própria educação. Segundo ele, a educação deve ser fornecida conforme



o destino social dos educandos. Não deve compreender um corpo comum de conhecimentos, já que supõe diferenças inerentes aos indivíduos.

Somos partidários do que se pode chamar de educação utilitária, mas não do que existe com esse nome. Cremos que antes de mais nada o homem deve habilitar-se para ganhar a vida, e que toda a educação que não tenda a isso é inútil. Também cremos que a verdadeira educação levará o homem ao trabalho, em vez de o afastar dele - e lhe facilitará os meios de conquistar uma vida melhor para si e mais útil aos outros (FORD, 1954, p. 326).

Esta 'educação utilitária' se identificaria com o que se conhece atualmente como educação profissionalizante: aquela que tem como principal objetivo formar quadros para o mercado de trabalho. Em outras palavras, desenvolver as habilidades do indivíduo, não de forma integral e reflexiva, mas sempre com a específica intenção de produzir peças que se encaixem no grande mecanismo produtivo da sociedade.

Nos anos recentes, seguindo as linhas traçadas pelo pensamento deweyano, a filósofa Martha Nussbaum, em seu artigo "Educação para o lucro, Educação para a Liberdade" (2009), faz a crítica deste modelo educativo, que ela formula em termos do projeto da educação para o lucro, das economias liberais contemporâneas. Nussbaum compara as habilidades de uma educação para a eficiência na busca do lucro, com as habilidades de uma cultura democrática da participação e do pensamento crítico. Sua defesa da educação humanística enfatiza a necessidade de educar para a vida social democrática. É preciso desenvolver as habilidades exigidas por este tipo de ambiente social:

Estas habilidades estão associadas com as humanidades e as artes: são a capacidade de pensar criticamente, a capacidade de transcender lealdades locais para a



abordagem de problemas mundiais assumindo a posição de um 'cidadão do mundo' e, finalmente, a capacidade de imaginar simpaticamente a situação de outra pessoa (NUSSBAUM, 2009, p. 4).

A proposta da autora manifesta profunda consciência da necessidade de integrar, coordenar e estabelecer o significado social da experiência humana em suas diversas formas. Sua crítica da segmentação e do estreitamento dos objetivos educacionais enriquece a apreciação que este estudo pretende oferecer acerca dos perigos do ideário fordista.

#### **O ideal da eficiência n' *O Presidente Negro***

No capítulo dez de *O Presidente Negro*, intitulado "Céu e purgatório", aparecem as mais abundantes referências a Henry Ford e suas ideias. Neste ponto do livro as cenas e ocorrências do futuro, captadas pelo professor Benson, são narradas com detalhes a Ayrton Lobo por sua tutora. Miss Jane, comentando as concepções e o modo de vida americano no século 23, começa a elogiar o assim chamado "idealismo pragmático", na pessoa de Henry Ford:

Acompanhe a vida de Henry Ford, por exemplo, estude-lhe as ideias. Verá que nelas estão todas as soluções que no seu desvario de doida a Europa procura no despotismo. Por mais audacioso que nos pareça o pensamento de Henry Ford, que é ele senão o reflexo do mais elementar bom senso? Todos nós, creia, senhor Ayrton, temos conosco essas ideias, à primeira vista tão novas. No entanto, tamanha é a crosta que nos recobre o bom senso natural que Ford nos parece um messias da Ideia Nova (LOBATO, 2009, p. 89).

Este "bom senso" encontrado nas ideias de Henry Ford não é tão natural e óbvio quanto Miss Jane gostaria de admitir. Na verdade, o que passa por bom senso natural no "idealismo pragmático de Henry Ford" (p. 90), como seus textos revelam, é



o emprego do pensamento na esfera restrita das demandas materiais mais imediatas. Ford é, assim, um messias, mas não da Ideia Nova, como queria Miss Jane, e sim da racionalidade mecânica, tão comum na organização industrial.

A palavra "eficiência" é tornada o lema da sociedade americana no romance de Monteiro Lobato, como o desejava Ford nos anos 20. Aqui está o ponto culminante da imagem de Ford delineada por Monteiro Lobato no *Presidente Negro*. Esta imagem se associa a um princípio de pensamento que ordena as ações individuais e coletivas numa direção definida previamente.

Quem olhasse de um ponto elevado o panorama histórico dos povos, veria, na França, uma flâmula com três palavras; na Inglaterra, um princípio diretor, Tradição; na Alemanha, uma fórmula, Organização; na Ásia, um sentimento, Fatalismo. Mas ao voltar os olhos para a América perceberia fluidificado no ambiente um princípio novo - Eficiência (LOBATO, 2009, p. 116).

A organização social resultante da aplicação da eficiência, no futuro distópico narrado por Miss Jane resultaria numa ordem social geradora de grandes conflitos entre indivíduos e grupos. Suas enormes vantagens práticas, contudo, estimulavam a expectativa de leitores de Ford, como é o caso do próprio Monteiro Lobato.

Miss Jane acrescentaria que: - Os princípios da eficiência também haviam penetrado no organismo governamental" (LOBATO, 2009, p. 117). Ela representa um valor prático, senão um valor moral, que deveria ser observado por cada indivíduo, sempre em sua esfera definida de atuação. Este princípio e este valor se reúnem sob a denominação de "eficiência" em passagens como a seguinte: "O princípio da Eficiência resolvera todos os problemas materiais dos americanos, como o eugenismo resolvera todos os seus problemas morais" (LOBATO, 2009, p. 116). Eficiência é o lema principal no futuro vislumbrado em O



*Presidente Negro*. É este o legado de Ford para a posteridade, a ser aplicado como um valor e um ideal, nas mais diversas esferas da atividade humana.

Mais interessante ainda é observar a relação entre o princípio de eficiência e a prática da eugenia. Veja-se, por exemplo, o próprio título do capítulo catorze: "Eficiência e eugenia". Este trecho do livro faz a descrição de um mundo onde os princípios do fordismo são aplicados ao ser humano, visando um suposto aperfeiçoamento artificial da espécie por meio da eugenia e da expressa separação das pessoas em castas ou classes sociais bem definidas, educadas cada qual para suas funções previamente especificadas.

O futuro apresentado ao leitor de *O Presidente Negro* é um futuro em que as ideias de Ford, sintetizadas no ideal da eficiência, conduzem a uma sociedade caracterizada por enormes contrastes e separações. O indivíduo é doutrinado e condicionado a oferecer o resultado que se espera dele, a fim de garantir a prosperidade e a ordem social e econômica. Embora se reconheça as vantagens do apelo à consideração científica das demandas da sociedade, ainda assim o Ford de Monteiro Lobato é o precursor de um futuro que dificilmente seria desejável. Este futuro da eficiência representa um custo elevadíssimo para as pessoas. Ele requer que, a bem da eficiência social e da produtividade nas atividades organizadas, o indivíduo seja doutrinado, seja separado e segmentado de seus semelhantes. Ele requer uma intromissão no desenvolvimento dos hábitos, na afetividade e na socialização. E principalmente, ele exige a imposição de objetivos e de valores externos ao contexto particular dos indivíduos. Ele exige um condicionamento perene e incessante em todos os aspectos da vida, a ponto de que dificilmente se poderia considerar esta visão dos americanos do ano de 2228 como



indivíduos autônomos, em qualquer sentido relevante da palavra.

Afortunadamente, parece que o próprio Ayrton Lobo resiste ao apelo sedutor deste futuro de eficiência, quando ouve os comentários de Lady Jane acerca do ideal feminista de Miss Elvin e suas seguidoras, na América de 2228. Miss Elvin defendia a ideia de que os machos e fêmeas humanos pertencem a espécies distintas. Pejorativamente, as feministas do romance rotulam os machos humanos como "gorilas". Ayrton Lobo, muito oportunamente replica: "- Toma! Como tenho muita honra em ser neto do meu avô gorila, exulto com a derrota dessa renegada" (LOBATO, 2009, p. 140). A renegada a que o personagem se refere é Miss Elvin. Mas, em uma interpretação que expande o sentido desta afirmação e busca suas conexões com outros elementos da cultura, este orgulho por ser neto de um gorila alude a duas coisas:

1. O orgulho de Ayrton Lobo em se afirmar como ser vivo, parte da natureza, integrado ao grande processo geral da evolução. Em lugar da eficiência mecânica e preestabelecida inspirada em Ford. Ayrton Lobo manifesta a preferência pela organicidade, pela tentativa de mútua adaptação entre o ser vivo e seu ambiente mutável, inspirada numa visão evolutiva do ser humano.

2. A famosa anedota do debate entre Thomas Henry Huxley e o bispo Wilberforce, em que o bispo havia perguntado de que parte da família Huxley julgava descender de um macaco. E a resposta de Huxley era a de que se orgulharia de ser descendente de um macaco. Esta anedota é famosa em toda a cultura evolucionista, como um símbolo da profunda implicação da teoria evolutiva no conhecimento que se tem da mente e da sociedade. Para uma discussão interessante sobre este debate entre Wilberforce e T. Huxley vide Dennett (1998, p. 65).



O que se conclui é que, mesmo declarando seu elogio e sua admiração pelo pensamento de Ford, Monteiro Lobato sutilmente inaugura a possibilidade da crítica a este mesmo pensamento, na forma como ele aparece como componente da estrutura de sua obra. Ayrton Lobo, com toda a sua imaturidade intelectual, com toda a pobreza de sua erudição filosófica e científica, faz o manifesto desta crítica, em ocasiões como a descrita acima, quando se recusa a aceitar - inteiramente ou em partes - o futuro que Ford e suas ideias pretensamente destinaram aos habitantes do ano de 2228.

### **Ford e John Dewey**

A imagem de Ford tem sido objeto de diversas menções literárias e teóricas ao longo do século XX. Algumas delas foram delineadas ao mesmo tempo em que John Dewey produzia suas obras pedagógicas e filosóficas. Mas o que há de significativo nesta referência a Ford, que importe a um leitor interessado em compreender e interpretar o pensamento do autor de *Democracia e Educação*? Mais especificamente, qual é o ponto de divergência entre estes dois pensamentos, o de Dewey e o de Ford?

Ambos, Dewey e Ford, reconhecem as vantagens do método experimental de raciocínio, na formulação e solução dos problemas enfrentados pelos indivíduos. Ambos reconhecem a mudança de ambiente e o progresso social representado pelo emprego deste método, cuja principal e mais nítida realização é a moderna organização industrial. Ambos são norte-americanos, aproximadamente contemporâneos, e que ficaram conhecidos mundialmente por suas realizações. Ambos estão relacionados como expoentes do que se poderia chamar de uma ideologia, no sentido geral de um conjunto de crenças e valores organizados numa totalidade mais ou menos organizada. Além de coabitarem



um contexto histórico semelhante, há ainda outras evidências de aproximação, fundamentadas no testemunho de comentadores e de estudiosos do pensamento do século XX.

Levando em consideração todo o conhecimento pedagógico debatido desde a Modernidade, conclui-se que é preciso educar de tal forma que os processos da vida social possam crescer. A educação deve promover, portanto, tanto a transmissão como a modificação da herança cultural, num processo que Dewey caracteriza como "reconstrução". Por isso é que Dewey é contra a imposição de objetivos extrínsecos ao processo educacional. Segundo o conceito de crescimento cuidadosamente desenvolvido por Dewey, a educação só tem a si mesma como fim. A educação estaria mais aparentada, em sua função, com o que Dewey diz sobre a linguagem, quando a chama de "instrumento dos instrumentos" (DEWEY, 1929, p. 168). Estabelecer metas específicas a partir de fundamentos ideais e então usar a educação como seu instrumento, prejudica a educação tanto quanto prejudica a obtenção dos objetivos que levaram a esta instrumentalização. A educação não é um instrumento para algo exterior a ela.

O conceito de sociedade desenvolvido por Dewey critica a limitação inerente às relações hierárquicas na vida social, com base no conceito de comunicação como ação coordenada, desenvolvido nos primeiros capítulos de *Democracia e Educação* (DEWEY, 2008). Este conceito é útil ao exame da relação entre Dewey e Ford, porque se opõe a uma sociedade baseada na distinção de classes e funções, e na separação consequente entre planejamento e execução. Dewey propõe que só há sociedade, em sentido forte, por causa do cimento unificador da igualdade de condição que advém do interesse e da ação compartilhada: a comunicação.



Dewey argumenta a favor da comunicação como um processo social fundamental. Gert Biesta, no trabalho intitulado "The Communicative turn in Dewey's *Democracy and Education*" (2006), comenta a publicação do *Democracia e Educação* como o marco de uma 'virada comunicativa' (*communicative turn*) em que Dewey "apresenta sua consideração da comunicação como um processo de cooperação e coordenação social em todos os detalhes" (BIESTA, 2006, p. 26). A lição que este comentário ensina aos estudiosos do pensamento de Dewey é que não basta haver organização e controle inteligente da vida social, pois a organização e o controle podem impedir o crescimento e rebaixar a qualidade de vida, quando não há investimento na valorização e no aprofundamento da cooperação e na coordenação das experiências.

Não é tão fácil assim responder às ideias fordianas em torno da noção de eficiência. Pois, a democracia em uma sociedade complexa também exige um tipo de eficiência (pelo qual se torna necessário educar formalmente), assim como um tipo de estabilidade (pelo qual se torna necessário o controle social). A crítica a Ford não pode estar apenas ancorada nas divergências entre ele e Dewey, o que defenderia Dewey de algumas acusações de tecnicismo. Tal crítica deve ser fundamentada no exame do significado social da ideia de eficiência, tal como descrita em seu ideário. A eficiência fordista é incapaz de prover um fundamento para um projeto educacional e social. O motivo é que, embora conduza a resultados práticos bastante precisos, o ideal da eficiência impede - em vez de produzir - o crescimento da vida social.

No Brasil, observa-se o tom de admiração empregado por Monteiro Lobato ao se referir a Ford. Mas a admiração de Monteiro Lobato não é tão notável quanto a de Anísio Teixeira, o educador brasileiro conhecido por ser um dos principais



precursores do movimento da Escola Nova no país, sob inspiração do pensamento de Dewey. Teixeira, em viagem aos Estados Unidos em 1927, declara acerca de Ford o seguinte:

Acabo de ler a obra de Ford, *My life na work*, que é bem uma preparação para visitar o país americano. Não conheço livro que produza uma mais profunda e positiva impressão de otimismo e de confiança. Como as grandes obras de lucidez e de clarividência, não há nesse livro lugar para as fraseologias, o sentimentalismo, as hesitações (TEIXEIRA, 2006, p. 208).

Além deste reconhecimento das qualidades que impressionam Teixeira no livro de Ford, mais adiante encontramos uma observação ainda mais interessante. O educador alude ao espírito de Deus, e compara a obra de Ford aos próprios evangelhos.

Adquirindo um tom profético, concomitante com essa visão mística acerca de Ford, ele afirma: "Sem falar ele de Deus, toda a sua obra respira o Seu espírito, tanto está impregnada de ordem, de desprendimento, de humildade, de subordinação do homem a qualquer coisa maior que ele" (TEIXEIRA, 2006, p. 210). Encontramos a alusão a Ford num contexto semelhante ao que encontramos na obra literária acima discutida: O contexto da previsão e da profecia, do olhar no futuro e no progresso que a organização da vida social pelos princípios de Ford promete oferecer. Teixeira afirma:

Eu creio, por causa desse livro, que estamos às vésperas da supressão da miséria, que estamos às vésperas de um sólido bem-estar coletivo, se os homens abrirem os olhos aos exemplos da obra de Ford (TEIXEIRA, 2006, p. 210).

Essa ansiedade pelo progresso, pelo desenvolvimento, pelo futuro da indústria e da tecnologia, aplicadas a todos os setores da vida é o elemento comum no olhar de Monteiro Lobato



e Anísio Teixeira. Ambos esperam pelo efeito messiânico e libertador da obra do industrial americano, numa época futura. Esta expectativa, intencionalmente ou não, assume o aspecto de distopia, na estrutura do romance *O Presidente Negro*.

Em contraste com a eficiência temos a continuidade. Esta é uma noção fundamental para Dewey, que recebe várias formulações e é empregada de diferentes maneiras no vasto conjunto de sua obra. Em *Democracia e Educação*, Dewey enuncia o “princípio da continuidade através da renovação” (DEWEY, 2008, p. 5), e fala da “continuidade social da vida” (DEWEY, 2008, p. 5). Ele aqui se refere ao processo constante de transmissão e modificação da experiência.

Anos depois, em *Experiência e Educação* (inicialmente publicado em 1938), Dewey estabelece um critério de continuidade (*continuum* experiencial) como forma de avaliar o caráter educativo de uma experiência (DEWEY, 2010). Mas a forma de continuidade que mais serve aos propósitos do presente exame é a continuidade como superação das repartições e dualismos. Para Dewey,

A origem dessas divisões é encontrada nos duros e rápidos muros que demarcam grupos sociais e classes dentro de um grupo: como esses entre ricos e pobres, homens e mulheres, nobres e plebeus, governante e governado (DEWEY, 2008, p. 343).

Dewey propõe, em substituição, um princípio “pelo qual uma experiência é disponibilizada para dar direção e significado a outra experiência” (DEWEY, 2008, p. 345). Esta é a forma do princípio de continuidade a partir do qual Dewey criticará a visão mecanicista, em direção a uma visão orgânica e integradora dos diversos aspectos da experiência.

Assim compreendida, a experiência intelectual é contínua com a experiência estética. Dewey acrescentaria que “a arte é



uma seleção do significativo, rejeitando no mesmo impulso aquilo que é irrelevante, e por isso o significativo é condensado e intensificado (DEWEY, 2010b, p. 371). As instâncias do significado não estão isoladas ou compartimentalizadas, mas cooperam e se fundem no fluxo da experiência individual e social. De modo que a apreciação e a criação estética e literária fornecem significado e direção para a reflexão teórica e a ação prática.

Continuidade, neste sentido, identifica-se com crescimento. Dewey diria que "crescimento, ou crescendo, no sentido de desenvolvendo, não apenas física mas intelectual e moralmente, é um exemplo do princípio de continuidade" (DEWEY, 2010, p. 27). O crescimento contínuo da experiência é amplificado pelas condições de cooperação e coordenação fornecidos pela instância comunicativa. Saito, em seu comentário, expressa muito bem este arranjo conceitual ao afirmar que: "Crescimento é o processo de ativo envolvimento de um agente com o controle inteligente de seus ambientes através do uso das coisas (SAITO, 2006, p. 83). O crescimento constante, a constante mudança e reconstrução da vida sob o controle da inteligência socialmente compartilhada, formam o ideal de vida social que Dewey oferece, em resposta à visão tecnicista e mecanicista que vem sendo tão influente em alguns ambientes. Na atmosfera cultural do Brasil, na primeira metade do século XX, pode-se perceber a disseminação deste mecanicismo na recepção da obra de Ford, manifesta especialmente na conhecida novela de Monteiro Lobato.

### **Conclusão**

Apesar de algumas aparentes similaridades, há enormes divergências entre o pensamento fordista e o pensamento de inspiração deweyana, que precisam ser destacadas. A primeira



delas diz respeito à vida social. Para Ford, visto pela fisionomia traçada com a interpretação das obras examinadas, conforme as considerações feitas acima, a vida social é como o funcionamento de um enorme mecanismo. Assim sendo, projeto anterior e manutenção permanente garantem um bom funcionamento. A principal consequência disso é a separação dos interesses e esforços dos indivíduos, conforme castas ou classes sociais estritamente fixadas e definidas.

Dewey se opõe a esta segmentação dos grupos sociais, em defesa da forma de vida que ele considera a mais desejável: a vida compartilhada, ou comunicativa, ou democrática. Esta forma de vida em que significados, interesses, crenças e valores são compartilhados para o maior crescimento da própria vida social, é o referente que Dewey encontra para o termo "democracia", tão frequentemente empregado em sua obra, e tão repetidamente mencionado por seus leitores.

Dewey se opõe à repartição mecânica do trabalho e das atividades relevantes na vida social, por crer que a comunicação e a cooperação são mais produtivas do que a divisão hierárquica das pessoas. Mais ainda, por erigir o crescimento da experiência como o valor e o lema principal da conduta humana socialmente relevante. Não é a eficiência em tarefas imediatas e nem a estabilidade de certo regime social que se deve buscar, como princípios e objetivos de amplo alcance. O ideal, o fim e objetivo que se deveria perseguir é designado por Dewey como *crescimento (growth)*, um crescimento para o qual os indivíduos se dirigem em seus processos educativos, assim como pela intercomunicação.

A continuidade do crescimento, a constante reconstrução do significado caracteriza o movimento da vida consciente. Esta é possivelmente a segunda divergência entre Dewey e Ford. Ela diz respeito não tanto à vida social, mas à vida individual. A



vida recebe seu significado a partir dos objetivos que as pessoas formulam para si, de forma cooperativa e integrada aos outros indivíduos.

Este estudo procurou tratar das ideias de Dewey, por meio do que se chamou no início de 'experimento mental'. Este experimento consistiu em estabelecer uma comparação, ou confrontação entre o princípio deweyano da *continuidade*, e o princípio fordista da *eficiência*. O aspecto polêmico, aqui, é a utilização de uma obra literária como ferramenta de reflexão e crítica. O procedimento geral deste estudo, portanto, já desde o início partiu da admissão da ideia de continuidade, na medida em que ultrapassa a dicotomia entre o discurso técnico-científico e o discurso artístico-literário.

No processo de estudo da obra de Dewey o leitor, especialista ou iniciante, trabalha empregando os materiais e métodos que têm à disposição. Nenhum desses materiais e métodos é valioso nem deplorável por si só: a medida de sua relevância ou insignificância dependem da forma como podem se ligar a outras sugestões, evidências, fontes e materiais, resultando numa completa experiência interpretativa. O enriquecimento da experiência, o crescimento do significado, a ampliação da experiência possível, a educação para a mudança e a renovação da vida, não podem provir de estratégias que repartem, dividem e separam. Este enriquecimento, este crescimento, esta ampliação e esta educação, nos termos defendidos por Dewey ao longo de tantos anos e de tantas produções, só pode resultar da integração, da coordenação e da comunicação entre as diversas espécies de manifestação da inteligência e da sensibilidade.

Esta integração, coordenação e comunicação são o princípio de toda descoberta, de toda investigação e, em geral, de todo trabalho criativo realizado em proveito da espécie humana. A



eficiência técnica, defendida por Ford, está em seu devido lugar quando é posta como instrumento a serviço do crescimento da experiência. Buscar a eficiência como um fim ou ideal, colocar o crescimento das pessoas a serviço deste ideal, é inverter a ordem de prioridades, como o desfecho de *O Presidente Negro* mostra muito bem, e como Dewey tentou esclarecer através de seus escritos.

#### **REFERÊNCIAS**

BARTHES, Roland. **Aula - Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França**. São Paulo: Cultrix. 2000.

BIESTA, Gert. "The Communicative turn in Dewey's Democracy and Education". In: HANSEN, David (ed.) **John Dewey and Our Educational Prospect**. Albany: State University of New York Press. 2006.

DENNETT, Daniel. (1995). **A perigosa ideia de Darwin**. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

DEWEY, John. (1925). **Experience and Nature**. London: Allen & Unwin Ltd. 1929.

DEWEY, John. (1933). **Como Pensamos**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979. ed.).

DEWEY, John. **Democracy and education. the middle works of John Dewey - 1899-1924. Volume 9:1916**. Carbondale: Southern Illinois University Press. 2008.

DEWEY, John. (1938). **Experiência e educação**. Petrópolis: Vozes. 2010.

DEWEY, John. (1925). **Arte Como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes. 2010b.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

FORD, Henry. **Os princípios da prosperidade - Minha vida e minha obra, Hoje e amanhã, Minha filosofia da indústria**. Trad. Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Brand. 1954.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. "Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da Modernidade". In: **Anu. Lit.**, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215. 2013.

HUXLEY, Aldous. (1932). **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Globo. 2002.

LOBATO, Monteiro. (1927). **O presidente negro**. São Paulo: Globo. 2009.



**REVISTA APOTHEKE**

ISSN 2447-1267

v.4, n.3, ano 4, 2018

MATOS, José Claudio. "John Dewey e Aldous Huxley: o admirável e o impensável na formação social da mentalidade". In: **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 16, n. 3, set./dez. 2011.

MATOS, José Claudio. "A interpretação de textos e a formação da pessoa reflexiva - Sobre a concepção deweyana da leitura". In: **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 579-596, jul./dez. 2013.

MATOS e SILVA. "John Dewey e Monteiro Lobato: ambiente social e condições de crescimento no romance *O Presidente Negro*". In: **SABERES**, Natal - RN, v. 1, n.8, 107-123, ago. 2013.

NUSSBAUM, Martha C. "Educação para o lucro, Educação para a Liberdade". Revista Redescições - **Revista on line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-americana**. Ano I, número 1. 2009.

SAITO, Naoko. "Growth and Perfeccionism? Dewey after Emerson and Cavell". In: HANSEN, David (ed.) **John Dewey and Our Educational Prospect**. Albany: State University of New York Press. 2006.

TEIXEIRA, Anísio. **Aspectos americanos da educação - Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2006.